

À SOMBRA DAS LEMBRANÇAS

OLAVO VIEIRA

© Olavo Vieira
À sombra das lembranças

Impresso no Brasil

Editado no Brasil

“Reservados todos os direitos. Salvo exceção prevista pela lei, não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua incorporação a um sistema informático, nem a sua transmissão em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem autorização prévia e por escrito dos titulares do copyright. A infração de ditos direitos implica sanções legais e pode constituir um delito contra a propriedade intelectual.”

À sombra das lembranças — Olavo Vieira

*Para todas as almas que lutam contra
o destino e decidem ter esperança*

À sombra das lembranças — Olavo Vieira

Nota do autor

Querido leitor,

Esta é uma daquelas histórias que trazem dúvida tamanha a trajetória que se observa dos personagens. Ao ler esta história, algumas vezes se perguntará em que ponto isto ou aquilo é verdade? Será que realmente existiram tais personagens? Aconteceu realmente tudo isso ou fora exagero do escritor?

Pense bem. Olhe em um volta. A vida está repleta de personagens tão intensos e movidos por emoções, quanto as deste livro. Não é raro encontrar um vizinho que lhe dá bom dia, no qual você sequer sabe de seu passado, sua trajetória. Sequer entrou na sua casa e viu as fotos penduradas nas paredes cheias de lembranças, cheias de momentos. Vê-lo sair toda manhã, chegar toda à tarde. Receber o rapaz da pizza. Andar sozinho pela casa, regar o jardim, passear com o cão. Mas não imagina se decidiu estar sozinho ou se o destino lhe impôs a solidão. O destino costuma ser cruel para muitos de nós.

Então, confundir-se-á a Literatura com a Realidade? Haverá semelhanças entre ambas? Cabe-nos imaginar que os personagens dessa trama realmente existiram no passado? Não devo ser malvado. Não posso impedi-lo de descobrir os meandros dessa narrativa por si só e por si só tirar as próprias conclusões. Não me cabe influenciar a sua leitura. Dar-lhe pistas do caminho que sua imaginação deve seguir. Seria maldade de minha parte. Mas quero alertar-lhe sobre o fato da vida imitar a arte e a arte imitar a vida. Não descarte nenhuma possibilidade. Deixe-se envolver pelas emoções dos personagens. Não se permita amedrontar-se, fugir-se. Encare os fatos.

A vida é talvez uma história de ficção ou a ficção uma história contada da vida.

O autor

1

Aquele era o meu caminho todos os dias. Chamavam Rua das Pedrinhas, porque se encontravam muitas pedras pelo chão, bem engraçadinhas, de formato arredondado e cores amarronzadas ou cinzas que, à luz do sol, brilhavam lindamente. Porém, constava no registro da prefeitura como Rua Dr. Romeu Serra de Carvalho, em homenagem ao médico muito conhecido, que morou numa casa desta rua: Uma casa em estilo barroco numa enorme propriedade rodeada por árvores onde havia um lindo jardim, que jaz morto pelo descuido.

Casarão do Doutor Carvalho: era assim que chamávamos quando crianças. Uma bela casa com uma varanda, semicircular, no primeiro andar; uma varanda, também semicircular, na frente e a porta de entrada enorme na cor azul. Escadas nas laterais permitiam a escolha, à direita ou à esquerda, para adentrá-la. A junção do dourado com branco a deixava encantadora. Todo o branco se distribuía nos cantos arredondados, nas escadas, nos

detalhes dos desenhos angelicais e nos parapeitos. Janelas gigantescas se posicionavam harmoniosamente, duas no andar de cima e duas embaixo, deixando a casa no estilo barroco perfeito. A varanda sobreposta à varanda de baixo acompanhava mais duas janelas na lateral e uma porta larga. Todas, tanto portas como janelas, tinham bordas pretas e vidros transparentes.

Eu estudava no Instituto Educacional Nossa Senhora Medianeira, uma escola tradicional de Santo Cristo dirigida por padres e freiras. Fazia o trajeto pela ponte metálica e obrigatoriamente passava por ali. Não havia casas próximas umas das outras, distâncias e distâncias de terrenos com pastos e árvores eram comuns naquela época. Lindas árvores encantavam nas estações de outono e primavera. A última pelo encanto das lindas flores que multicoloriam a paisagem e a outra por espalhar folhas pelo chão deixando um retrato belíssimo digno de uma pintura de Da Vinci. Era um caminho charmoso por assim dizer.

Encontrava-se uma árvore dentro da propriedade ao lado do casarão, onde já fora o jardim, de nome científico

complicado: *Hymenaea courbaril*, não muito alta, de galhos espaçados e com fruto de casca bem dura amarronzada. Quando se abria aparecia uma estrutura amarelada, às vezes esverdeada de um cheiro muito forte, mas de um sabor adocicado.

Era uma árvore rara na região. Meu pai chamava de jatobazeiro e eu costumava escalá-la toda vez que ele ia ao casarão, às tardes, tomar umas bebidas quentes e conversar com o doutor Romeu Serra de Carvalho, que era seu amigo de infância.

Ele era o médico mais popular de Santo Cristo. Tinha um consultório particular e também atendia na Santa Casa, o pequeno hospital da cidade, como funcionário público. Mudara-se, com toda a sua família, para a capital do Rio de Janeiro depois que seu avô faleceu e lhe deixou uma casa nos arredores da Tijuca.

Transferiu a clínica para lá e ia atender aos pacientes na Santa Casa duas vezes por semana, de manhã até as doze horas e depois descia para o Rio de Janeiro e a propriedade ficou desocupada.

Quando meu pai morreu, sempre me convidava para brincar com suas filhas no quintal. Nunca me deixava entrar no casarão. Quando nos serviam lanches, era sempre numa mesa de madeira, sob um punhado de telhas, onde sentávamos em tocos distribuídos ao redor, próximo ao jardim.

Eu levava o Lucas, porque minha mãe não tinha paciência com ele. Costumava espancá-lo por qualquer motivo. Muitas vezes o defendia, quando estava por perto, mas longe, ela não perdoava suas ações arterias. Então aonde ia levava-o comigo.

Mesmo com medo, ele adorava quando o colocava em um galho e subia para comermos os frutos no alto. Não gostávamos de brincar com as meninas porque eram muito chatas. Brincávamos nós dois e era muito divertido. Ele amava o jatobazeiro. Nunca conseguia pronunciar o nome, pois na sua idade tinha dificuldades de completar as palavras, daí eu disse um nome mais fácil: Jatobá. Então ele tentava:

— Tobá – E ria.

O cheiro dele se misturava com o cheiro forte do fruto — quando se lambuzava todo comendo muitas delas — suado correndo e tentando subir na árvore para eu não pegá-lo. Lançava-me cascas impedindo-me de agarrá-lo e prendê-lo.

— Você está preso em nome da Lei. — Eu gritava, mas ele fugia e jogava todas as cascas em mim.

Naquele lugar podíamos brincar a tarde toda. Não tínhamos mamãe choramingando pelos cantos por saudade de nosso pai, nem brigando conosco. Era o nosso mundo. O mundo das nossas brincadeiras, dos nossos sorrisos, da nossa lealdade.

O casarão estava desocupado, mas havia o caseiro que morava nos fundos e era responsável por manter as coisas no lugar. Quando eu era criança, o vi muitas vezes limpando o quintal, podando as árvores, capinando. Nunca me interessei em falar com ele, mas queria entrar na propriedade e precisava de sua permissão, então tive que fazer amizade. Comecei com um: bom dia, olá, como vai, e depois algumas perguntas meio bobas, como: O que o

senhor está fazendo? Irá podar esta árvore? Qual o nome desta? Que fruto dá e em que época?

Passei a entrar quase todos os dias, depois das aulas, quando me permitiu. Disse-lhe que queria um refúgio, que não estava ali para atrapalhá-lo, apenas queria ficar quietinho escrevendo e lendo poemas. O antigo jardim, mesmo morto, ainda guardava algumas belas plantas que ele tentava preservar, entre elas, a frondosa, jatobá.

Então me deixava entrar, conversava um pouco sobre sua vida e depois ia cuidar dos seus afazeres. Sentava-me embaixo do jatobá, pegava meu caderno e escrevia coisas bobas, que chamava de poemas. Lembrava-me de meu irmão: das muitas vezes em que brincávamos ali tardes e tardes inteiras despreocupados, felizes como se a vida se resumisse apenas naqueles momentos de brincadeiras.

Porém certa vez estava concentrado, tentando criar um soneto, quando o caseiro veio até mim:

— Você precisa arrumar outro lugar para ficar rapaz
— Disse-me constrangido. — Uma senhora comprou o casarão e vai se mudar da capital para cá logo, logo.

Assim, minhas fugas vespertinas não seriam mais possíveis. Teria que me contentar com minha casa fúnebre e escura, vendo minha mãe no seu ritual cotidiano, de torrar café no fogão à lenha, dentro duma panela velha de ferro e preta de carvão, espalhar sobre a mesa, deixar secar, separar e pôr no pilão e socar, socar a tarde toda.

Era angustiante, mas não havia outro jeito. O único lugar em que me sentia bem não estava mais disponível. Era preciso paciência.

Um tempo depois, ao meio dia — horário que sempre passava por ali — avistei-o carregando um punhado de folhas e galhos de árvore num carrinho e o perguntei se a senhora já havia se mudado. Ele disse que sim, mas que quase não a via.

— É uma pena não poder mais ficar ali com seus livros — Disse-me.

Dei de ombros, tentando demonstrar que não me importava muito. Ele aproximou a boca ao meu ouvido:

— Mas quando ela sair para a cidade você pode vim.
— Seu hálito cheirava a ovo podre. Vestia um paletó

escuro por cima de uma camiseta marrom e calças velhas de cor escura também. Aparentava agora uns sessenta anos, de barba comprida e grisalha, que escondia sua boca de lábios finos e sem dentes. As botas pareciam pesadas e fétidas como seu hálito; esforçava-me para respirar perto dele. Tinha uma altura mediana, mas quando estava próximo de mim parecia gigante. Aterrorizava-me tê-lo tão próximo. Imaginava que poderia me agarrar a qualquer momento e levar-me para um esconderijo secreto e fazer-me de alimento para o almoço e jantar.

Era um pensamento besta. Pensamento de um menino de imaginação fértil. Pensamento que me permitia ter, embora já tivesse dezessete anos, por conta daquela figura esdrúxula que algumas vezes me atemorizava, com sua incapacidade de ser vaidoso, pelas tantas dores por qual passara na vida pobre de camponês.

Resolvi que não seria uma boa ideia entrar no quintal de uma pessoa sem a sua autorização. Não conhecia essa senhora. Não sabia como reagiria se soubesse que invadia

sua propriedade quando se ausentava. Mas não disse nada a ele. Despedi-me e fui para casa.

Num dia comum passei em frente ao casarão, assim como fazia todos os dias que ia e vinha da escola. O sol tocava meu rosto com delicadeza e eu chutava carinhosamente as folhas pelo caminho, admirando as pedrinhas, abaixando-me algumas vezes para tocá-las, pegá-las e massageá-las entre os dedos. Como de costume, parei para olhar o jatobá, relembrando meu passado com Lucas, com meu pai, nas tardes da minha rica infância, tentando fazer com que essas lembranças me trouxessem alegria.

Numa de minhas aulas, no conservador Instituto Educacional Nossa Senhora Medianeira, minha professora de Artes — A freira mais bonita que já vi na vida — Nos mostrou um quadro em que Madonna segura o menino Jesus no colo ao lado de dois santos católicos. Ela está em pé sobre nuvens e abaixo dois querubins estão descansando.

— O quadro é do artista italiano Rafael Sanzio. — Disse ela — É uma pintura a óleo de 1512 do período Renascimento.

Penso que, com certeza, ele (o italiano Sanzio) retrataria com maestria aquela imagem que eu via de um menino em baixo do jatobá, com aspecto angelical, de uma luz própria, rico em beleza e pureza. Uma verdadeira *Madona Sistina*. De longos cabelos claros, desenhava-se embaixo do jatobá como a pintura, que a bela freira nos mostrou, quando, sem me enxergar, olhava para cima como que procurando alguma resposta no alto. Lembrando-me do primeiro querubim no qual — a meu ver — parecia estar meio distante em seus pensamentos, olhando para Santa Bárbara que o olhava também, numa relação harmoniosa entre os olhares.

Imaginei estar vendo realmente um anjo. Não um querubim, pois era bem maior; tinha longos braços finos e pernas também longas e finas. Estava encostado junto à árvore, de pernas cruzadas, lendo um livro.

Nunca vi um anjo em toda a minha vida. Imaginava se eles tinham narizes arrebitados e afilados como aquele. Olhos verdes e cílios grossos voltados para cima. A beleza de um menino embaixo de uma árvore. Se assim o fossem, ele literalmente era um anjo.

Demorou a avistar-me, e quando isso aconteceu, ficou observando-me com os olhos curiosos. Tentei fugir, mas não consegui. Ficamos nos encarando por um tempo.

Será que era real? Será que não era uma miragem? Poderia conversar com ele? Aquele sol queimando-me a cabeça talvez tivesse me causando ilusões ou poderia ser a fome, pois não havia almoçado ainda. Porque não era possível um ser com tais características, e ainda mais me encabulara o fato de me olhar e não dizer nada. Então num ímpeto de coragem, tomei a atitude de interagir:

— O que você está lendo? — Perguntei, com imenso medo de ser apenas uma aparição fantástica de um anjo celestial.

— Eu não entendi. — Ele respondeu timidamente.

Sobressaltado de alegria, ainda acreditando ser uma aparição celeste que fizera contanto comigo, perguntei de novo:

— O que você está lendo?

Caminhou até a mim, elegantemente, jogando as pernas magras e longas para frente, como se desfilasse numa passarela e eu, ainda crendo ser um anjo, maravilhava-me pela possibilidade inimaginável de ter perto, um ser de luz.

— Eu disse que não entendi o que eu li. Eu não sou bom em entender poemas. — Estava na minha frente, com um livro nas mãos, e agora percebi se tratar de um menino, real, parecido, mas não um anjo.

— Não consigo entender. Fala de fulano que amava sicrano que amava beltrano que amava outro e aparece alguém do nada na história. — Um portão de ferro branco nos separava, mas era baixo e deu para ele mostrar-me o livro aberto no poema de Carlos Drummond de Andrade, chamado Quadrilha, que não havia entendido.

— O autor tentou mostrar que a vida é imprevisível. Alguém entrou na história, de repente, assim como algumas pessoas entram na nossa vida. — Expliquei-lhe.

— Uau! Você entende de poemas! — Seus olhos brilharam com um belo sorriso, de dentes, perfeitamente alinhados, sem imperfeições, brancos como as nuvens no céu em dia de sol.

Vestia uma calça verde, colada ao corpo, de tecido leve. Uma blusa multicolorida, com predominância do branco, de golas altas, que se desenhavam linhas retas, na cor marrom, entre os botões que iam até em baixo e distribuíam-se em pequenos raios com fundo alaranjado com círculos amarelo-esverdeado. Um calçado, sem cadarços, azul e branco. Percebi que não era da cidade.

— Não, eu apenas gosto de ler e às vezes leio algumas explicações a respeito. — Por sorte havia lido alguma coisa sobre esse poema em algum lugar.

— Eu passei a gostar de poemas quando meu professor de Literatura, Júlio César, encantou-me com suas aulas. Antes as aulas do outro professor eram monótonas e

cansativas. Ele passava horas e horas falando sobre Movimentos Literários, sobre a vida de poetas, andando pela sala, certificando-se se alguém dormia ou se distraía com outras coisas. Mas Júlio César não: Encantou-nos com aulas divertidas, preparando, toda semana, encontros em que podíamos ler, comentar e até apresentar poemas autorais. Ele lia poemas lindos, com sua voz suave, saboreando cada palavra com doçura. E isso me encantou.

— Eu escrevo uns poemas quando estou inspirado —
Odiei-me por esse descuido. Tolice tê-lo dito. Que pretensão achar-se capaz de escrever poemas. Era apenas um simples rapaz do interior do Rio de Janeiro. Que ideia era essa de escrever poemas?

— Poemas? Escreve poemas? — Seus olhos saltaram de alegria. Perguntou se poderia ler algum que escrevera. Minha sorte foi ter que ir para casa antes que minha mãe ficasse preocupada com a minha demora.

— Desculpei-me por ter que ir. Minha mãe deve estar preocupada. Leio outro dia para você. — Disse, saindo pela tangente.

— Meu nome é Íves e o seu? — Apontou-me a mão aberta por cima do portão.

— Lincon. — Respondi estendendo a minha.

— Pode ler para mim amanhã? Avise a sua mãe que chegará um pouco mais tarde e poderá lê-lo, se quiser, é claro.

Minha mãe dizia-me que eu devia parar de ficar lendo livros de poesias. Cedo ou tarde ia ficar cheio de ideias erradas sobre as coisas. Escondia, embaixo do colchão, alguns livros que meu professor de Literatura me presenteava e falava que os havia jogado fora. Ela não era fã de Literatura. Dedicava-se apenas a ler a bíblia, como uma católica fervorosa. No livro sagrado havia verdades que nenhuma literatura ousava ter, dizia, mas eu não cria nisso e poemas para mim era um refúgio. Logo, alguém, com aspecto de anjo pensava como eu. E saí do seu encontro com a leveza de estar no sétimo céu, pensando onde buscaria coragem, para ler um poema autoral, para aquele ser divino.